

IA E POLITICA

mento de pessoal

m dez cotas mensais
0, durante os meses
rias de julho, a par-
fevereiro até 15 de
na cota de Cr.\$..
sição de livros, fi-
sas de viagem a
ou providas local-
s interessados no

poderão obter
inclusive for-
te ou por cor-
secretária da
e Política de
eneral Jardim
devido os
completos até
para serem
tos escolhi-
ão final da
para admis-
do Letivo
arço.

Retribua o seu
PAPAI NOEL com um
presente de

A Soberana

Rua 13 de Maio, n. 665

(Ao lado da Catedral)

do Municipal

de "Follies de 1956"

para essa noite artistica em
Instituto D. Nery

os costumes regionais de cada pais.
Desta forma, aliando-se os tra-
balhos cênicos aos musicais, pro-
mete "Follies de 1956", oferecer ao
pblico campineiro uma verdadei-
revista que nada ficará a dever
quitas companhias que nos têm
do. Para que o espetáculo
ua mesmo algo de notável e
ão cedo não desapareça da
ança de todos quantos o as-
a, a snra. Lima da Cunha
o, juntamente com a sra. d.
Maia de Freitas Guimarães
Carlos Maia, vêm envidando
esforços, quer nos en-
na montagem dos ricos
e virão especialmente
para essa festa artis-

nas de bailados da
Cunha Penteadó e
reclamação da snra.
Freitas Guimarães
elementos per-
s meios artísti-
os quais o can-
s, que vem se
auspiciosa
ras e pau-

neiro foi
is papeis
ndo ser
o des-
ximo

al-
ua
e

Arborização

— Celso Maria de Mello Pupo —

(da Sociedade dos Amigos da Cidade)

-I-

Quem atendeu ao último convite da Sociedade dos Amigos da Cidade, ouviu encantado uma esplêndida lição ministrada por um técnico competente, culto, viajado, senhor absoluto do assunto e enamorado da sua especialidade o que é magnífico característico para um profissional.

O conferencista expoz com segurança e clareza, as qualidades necessárias à espécie que mais se aproxima da arborização ideal: formação da fronde, tamanho, grossura e número de galhos, tamanho e perenidade das folhas, profundidade das raízes, caracteres do sombreamento proporcionado e outras que lhe permitiram sua vasta observação e sólida cultura.

Viajando pelos Estados Unidos, teve oportunidade de observar o que lá foi feito neste assunto que para os americanos do norte, merece dedicado carinho. Por fotografias coloridas, magnificamente projetadas numa tela e instruídas com o ensinamento do conferencista, vimos numerosos parques e avenidas, formados e conservados com a religiosidade que tem um povo civilizado pelas obras da natureza. O americano compõe alamedas de arvoredo nas suas vias, contrapõe nas suas praças conjuntos arbóreos com tapetes extensos e verdejantes de gramados perfeitíssimos; floreja recantos ou traça linhas intermináveis de colorido variegado e exuberante de azaleas, gerânios e outras preciosas espécies floríferas.

Para tanto, mantém viveiros impecáveis, escolhe, seleciona, multiplica, regula a composição arbórea, irriga, aduba, poda, recolhe e reduz a galharia cortada, tudo mecanicamente, modernamente, inteligentemente, dentro de processos racionais e avançados, fazendo-nos inveja com os parques e ajardinamento de suas largas ruas ainda mais ampliadas pelos recuos avantajados dos prédios particulares cujos jardins, sem vedação, se misturam num elevado solidarismo que proporciona ambientes encantadores para delícia dos que ali residem. Não exibiu o conferencista fotografias de ruas arborizadas com árvores floridas, mas existem elas nos Estados Unidos e até arborizadas com flamboyans.

tem lá também problemas, muito nossos, como o cri... pelos fios telefônicos e de energia. Se em grande número de cidades européias as instalações de fios são subterrâneas, que é a solução ideal para a arborização, vimos na conferência, fotografias de ruas americanas com os feíssimos e importunos fios a atrapalharem o arvoredo; utilizaram-se, em certa cidade, postes colocados em ziguezague, permitindo arborização em desencontro com os fios e que, si não é solução de gosto, pelo menos atesta a cooperação dos serviços telefônicos e de energia com o de arborização.

Quanto a fios, vimos também uma colocação deles nos fundos das casas, em vielas, fugindo à proximidade do arvoredo o que nos fez lembrar de uma solução também interessante, iniciada há anos em cidade litorânea de nosso Estado, onde as casas são tôdas obrigatoriamente recuadas, e qual seja a de colocar os postes junto ao limite dos terrenos particulares, isto é, nos fundos dos passeios enquanto as árvores são plantadas próximas às guias. Nesta mesma cidade, naquela época, foram também deixadas as árvores com suas franças bem altas, acima dos fios.

De lição em lição, desenvolveu o nosso conferencista a sua palestra, refulgindo na sua simpatia; teve êle oportunidade de se externar quanto às espécies mais apropriadas para a arborização de Campinas, assim como a orientação que tem dado e tem sido seguida pelos técnicos da Prefeitura. E' seu parecer que nesta arborização deve ser preferido o alecrim como a que mais se aproxima da árvore ideal e que constituirá nossa arborização geral, pelo formato de sua copa, por permitir nela aberturas, a moda de tuneis, para a passagem dos fios, pelo sombreamento que oferece, pelas folhas pequenas e que não se desprendem tôdas no inverno não exigindo varreduras suplementares do chão, pela profundidade de suas raízes que não prejudicam os passeios. Mas, dizemos nós, é a espécie de mais demorado crescimento.

Espécies floríferas serão apenas permitidas de longe em longe para quebrar a monotonia do alecrim que não floresce; não serão utilizados na arborização de conjunto em ruas, árvores como os ipês roxos ou amarelos que ali, naquela ruela estreita como a Coronel Quirino, extasiam campineiros e forasteiros, porque derrubam muitas folhas no inverno e aumentam o trabalho das varreduras; como o jacarandá de lindas flores que em Campinas nunca consegue florescer, pois vive mutilado pela perversa tezoura da Prefeitura, por que seus galhos não permitem os horrorosos tuneis para a passagem de fios telefônicos, mesmo em lado de rua em que não existam fios; como os flamboyants, vistosa maravilha da natureza, porque suas raízes danificam os passeios, seus exemplares são atacados por bezouros e são de menor duração vital que os alecrins; como as acácias e tantas outras que na sua florescência encheriam de encanto a nossa cidade, de orgulho os seus habitantes e de êxtase os que nos visitam.

A técnica, portanto, se mostra utilitarista, comodista e mesmo egoísta, circunscrevendo os serviços de arborização dentro das facilidades de tratamento, de conservação e redução de trabalhos, sem levar em conta as exigências do bello. Deve ela, entretanto, não desprezar três qualidades fundamentais da arborização: oxigenação do ar, sombreamento para pedestres e embelezamento. Para se atenderem às duas primeiras qualidades pode-se procurar a árvore menos exigente em trabalhos e cuidados, mas para a última não é lícito poupar sacrifício para um resultado satisfatório. Embelezar a cidade, encantar seus habitantes com a magnificência de um florido extenso, extasiar nossas visitas que serão arautos das belezas de Campinas e propagandistas de uma cidade próspera, saudável e além disso encantadora, não só é amenizar a rigidez da técnica, torná-la humana, utilíssima e benfazeja, como dar à cidade o que lhe é verdadeiramente vantajoso.

(Continua)